

IDEOLOGIA, DEMOCRACIA E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICO-FILOSÓFICAS DE MARILENA CHAÚ

Recebido em: 21/08/2023

Aceito em: 22/09/2023

DOI: 10.25110/educere.v23i3.2023-013

Viviane Rosa da Silva ¹
Mariana Affonso Penna ²

RESUMO: Este artigo explora algumas importantes contribuições de Marilena Chauí sobre temas fundamentais como ideologia, democracia e educação. Após apresentar as origens do termo ideologia, a autora adota a conceituação marxiana para criticar a ideologia propagada pela classe dominante, que se apoia na ideia de liberdade e meritocracia para manter a desigualdade social e preservar seus interesses. Chauí considera que a ideologia, através do discurso competente, cria um mecanismo poderoso que obscurece o verdadeiro saber e impede a formação de uma consciência crítica nos indivíduos. Suas análises também abordam a democracia, questionando a sua prática real diante das desigualdades presentes na sociedade. A autora convida a uma reflexão profunda sobre as estruturas de poder e as relações de dominação que permeiam a vida social. Além disso, Chauí traz uma perspectiva transformadora para a educação, enfatizando a necessidade de um ensino dialógico, emancipatório e comprometido com a formação de cidadãos críticos, capazes de enfrentar os desafios da sociedade contemporânea. Por fim, o estudo aqui apresentado abre caminhos para futuras problematizações acerca do conceito de ideologia, reconhecendo as contribuições de Chauí, porém ressaltando a importância de uma abordagem mais porosa e flexível, com base na discussão sobre a experiência em Thompson e valendo-se do conceito de hegemonia em Gramsci. Em suma, as ideias de Marilena Chauí nos convidam a uma profunda reflexão sobre as estruturas sociais, as desigualdades e a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e consciente de suas contradições e potencialidades.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia; Educação; Democracia; Discurso Competente.

IDEOLOGY, DEMOCRACY, AND EDUCATION: HISTORICAL-PHILOSOPHICAL CONTRIBUTIONS BY MARILENA CHAÚ

ABSTRACT: This article explores some significant contributions by Marilena Chauí on fundamental topics such as ideology, democracy, and education. After introducing the origins of the term "ideology," the author adopts the Marxist conceptualization to critique the ideology propagated by the ruling class, which relies on the notions of freedom and meritocracy to maintain social inequality and preserve their interests. Chauí believes that ideology, through skilled discourse, creates a powerful mechanism that obscures true knowledge and prevents the formation of critical consciousness in individuals. Her analyses also address democracy, questioning its actual practice in the face of prevailing inequalities in society. The author invites deep reflection on power structures and relations of domination that pervade social life. Furthermore, Chauí presents a transformative

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Inhumas. Bolsista com Financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: vivainers@hotmail.com

² Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). E-mail: mariana.penna@ifg.edu.br

perspective on education, emphasizing the need for dialogical, emancipatory teaching committed to nurturing critical citizens capable of confronting the challenges of contemporary society. Ultimately, the study presented here paves the way for future problematizations of the ideology concept. It acknowledges Chauí's contributions while underscoring the importance of a more porous and flexible approach, drawing from the discussions on experience in Thompson and utilizing Gramsci's concept of hegemony. In essence, Marilena Chauí's ideas prompt us to engage in profound reflection on social structures, inequalities, and the construction of a fair, egalitarian society that is conscious of its contradictions and potentialities.

KEYWORDS: Ideology; Education; Democracy; Competent Discourse.

IDEOLOGÍA, DEMOCRACIA Y EDUCACIÓN: CONTRIBUCIONES HISTÓRICO-FILOSÓFICAS DE MARILENA CHAUI

RESUMEN: Este artículo explora algunas importantes contribuciones de Marilena Chauí sobre temas fundamentales como ideología, democracia y educación. Tras presentar los orígenes del término ideología, la autora adopta la conceptualización marxista para criticar la ideología promovida por la clase dominante, que se apoya en la idea de libertad y meritocracia para mantener la desigualdad social y preservar sus intereses. Chauí considera que la ideología, a través del discurso competente, crea un mecanismo poderoso que oscurece el verdadero conocimiento e impide la formación de una conciencia crítica en los individuos. Sus análisis también abordan la democracia, cuestionando su práctica real frente a las desigualdades presentes en la sociedad. La autora invita a una reflexión profunda sobre las estructuras de poder y las relaciones de dominación que impregnan la vida social. Además, Chauí aporta una perspectiva transformadora a la educación, enfatizando la necesidad de una enseñanza dialógica, emancipadora y comprometida con la formación de ciudadanos críticos, capaces de enfrentar los desafíos de la sociedad contemporánea. Por último, el estudio aquí presentado abre caminos para futuras problematizaciones acerca del concepto de ideología, reconociendo las contribuciones de Chauí, pero resaltando la importancia de un enfoque más poroso y flexible, basado en la discusión sobre la experiencia según Thompson y utilizando el concepto de hegemonía de Gramsci. En resumen, las ideas de Marilena Chauí nos invitan a una profunda reflexión sobre las estructuras sociales, las desigualdades y la construcción de una sociedad más justa, igualitaria y consciente de sus contradicciones y potencialidades.

PALABRAS CLAVE: Ideología; Educación; Democracia; Discurso Competente

BREVE INTRODUÇÃO

Considerando o uso recorrente e muitas vezes contraditório do termo "ideologia", em especial por grupos sociopolíticos conservadores nos últimos anos no Brasil, percebemos a necessidade de discutir e discorrer de forma modesta sobre o conceito subjacente, qual sua origem, os objetivos históricos que o tem sustentado, os agentes que dele se apropriam, o modo como o fazem e o impacto disto na sociedade de classes.

Por isso desejamos trazer esta discussão para que possamos ter um melhor entendimento das narrativas que se sustentam sob o "véu" da ideologia e suas nuances. Para

tanto, também discutiremos o conceito de "discurso competente" e sua relação com a ideologia burguesa, incluindo breves considerações sobre a importância de distinguir o saber da ideologia, evitando confundir-los.

Temos, portanto, enquanto objetivo central deste artigo, apontar como a filósofa Marilena Chauí, nos aponta aspectos essenciais no sentido de termos maior compreensão com relação ao conceito de ideologia. A proposta é destacar a crítica de Chauí à ideologia promovida pela classe dominante, que utiliza os princípios liberdade e meritocracia com intuito de preservar seu lugar de privilégio na sociedade assim como a manutenção de seus interesses. Além disso, buscamos aqui explorar as reflexões da autora sobre a democracia frente às disparidades sociais e sua visão transformadora da educação, com ênfase em um ensino que promova o diálogo e a emancipação dos indivíduos.

Tentamos também estabelecer bases para futuras reflexões sobre o conceito de ideologia, reconhecendo as contribuições de Chauí, ao mesmo tempo em que enfatizamos a importância de uma abordagem mais flexível, incorporando perspectivas e contribuições de outros estudiosos, como Thompson e Gramsci. Este trabalho almeja, também, incitar uma reflexão acerca das estruturas sociais, das desigualdades e do caminho em direção a uma sociedade mais equitativa e consciente.

ORIGEM DO TERMO IDEOLOGIA

Chauí (2014) traz apontamentos significativos sobre o conceito de ideologia, destacando que esta vai além da perspectiva de representação imaginária da realidade e não substitui o lugar dos agentes históricos reais. Nesse sentido, a autora esclarece que a ideologia, especialmente no ideário moderno, é a maneira pela qual os sujeitos apreendem e representam para si a sociedade, a economia, a política e o mundo.

A origem do uso da palavra "ideologia" remonta ao filósofo parisiense Destutt De Tracy em 1796. Este ideólogo francês, proveniente de uma família nobre abastada, tinha o objetivo de constituir uma nova ciência que sistematizasse as ideias. Segundo sua perspectiva, a ideologia seria a ciência das ideias. De Tracy chegou a ministrar um curso de Moral e Ciências Políticas no recém-criado Instituto Nacional. Sua visão era de que não era possível conhecer as coisas diretamente, mas apenas por meio das ideias elaboradas a partir das sensações que extraímos delas. Partindo desse pressuposto, fazer uma análise rigorosa dessas ideias permitiria a construção sólida para embasar um conhecimento científico e verdadeiro (THOMPSON, 2011).

Chauí (1980) aponta que De Tracy fazia parte de um grupo de ideólogos franceses que se opunham à teologia, à metafísica e à monarquia. Esse grupo também incluía o médico Cabanis, Volney e De Gérando. Eles buscavam elaborar uma teoria das faculdades sensíveis, responsáveis pela formação de todas as nossas ideias, incluindo a vontade, a razão, a percepção e a memória (Chauí, 1980, p.76). Sendo membros do partido liberal francês, eles acreditavam na criação de uma nova pedagogia e uma nova moral, derivadas da observação, análise e síntese dos elementos examinados.

Os ideólogos apoiaram Napoleão Bonaparte em relação ao golpe de 18 de Brumário, pois viam nele alguém que levaria adiante os ideais e princípios da Revolução Francesa. No entanto, mesmo que Bonaparte tenha nomeado muitos deles para cargos importantes, eles se sentiram traídos, pois consideraram que ele estava restaurando o antigo regime francês. Em resposta, migraram para a oposição de Napoleão, que, por sua vez, fechou a Academia dos ideólogos e os excluiu dos cargos de poder. Em 1808, Napoleão criou a nova Universidade Francesa (CHAUÍ, 1980).

Em um discurso proferido em 1812, Napoleão utilizou a palavra "ideologia" de forma pejorativa, assim como fez com o termo "ideólogos". Ele declarou que todos os problemas da França seriam responsabilidade da ideologia, que considerava uma "tenebrosa metafísica". Para Napoleão, essa ideologia buscava com sutileza as causas primeiras e queria fundamentar sobre elas a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história (Bonaparte apud Chauí, 1980, p.77). Com esse discurso, Napoleão alterou a representação que os ideólogos tinham de si próprios, pois eles se consideravam contra a metafísica e qualquer coisa que não partisse da materialidade, o que era o oposto do ponto de vista expresso por Napoleão.

Karl Marx, de acordo com Chauí (1980), mantém o sentido atribuído por Bonaparte à ideologia, considerando que os ideólogos fazem uma inversão entre ideias e a realidade. Nessa perspectiva, a ideologia, que inicialmente seria uma ciência da obtenção das ideias, passa a ser um conjunto de "ideias condenadas a desconhecer sua relação do real com o real" (Chauí, 1980, p.78). Porém antes de discorrer sobre o que Marx disserta sobre a ideologia, vamos explorar brevemente o que dizem outros dois importantes teóricos sobre esse conceito: Augusto Comte e Émile Durkheim.

Augusto Comte, considerado o pai da sociologia e criador do positivismo, emprega o termo ideologia com um sentido aproximado ao de sua criação. Para Comte, o conceito tem dois sentidos: primeiro, é um estudo científico-filosófico sistematizado das ideias pela análise das sensações, conforme os ideólogos originais desejavam; segundo,

é um agrupamento de ideias de um determinado tempo, uma "opinião geral". Comte acredita que a transformação humana ocorre por meio de uma evolução ou progresso, que se desenvolve em três fases: a fetichista/teológica, na qual a realidade é entendida de forma mística; a metafísica, em que os seres humanos explicam o real por meio de pressupostos abstratos; e a fase da ciência/positiva, na qual a realidade é verificada e os fatos são analisados para que seja possível criar uma ciência social.

Chauí (1980) destaca que Émile Durkheim tinha o objetivo de constituir a sociologia como uma ciência racionalizada, direta e objetiva. Assim, menciona o termo "ideológico" em sua obra "Regras do Método Sociológico", na qual defende a ideia de que a sociedade deve ser compreendida por meio da análise dos fatos sociais e que essa análise deve ser conduzida de maneira neutra, ou seja, os fatos sociais devem ser observados e investigados como objetos da mesma forma que ocorre nas ciências naturais. Com este pressuposto,

[...] Durkheim chamará de ideologia todo conhecimento da sociedade que não respeite tais critérios. Para o sociólogo cientista, o ideológico é um resto, uma sobra de ideias antigas, pré-científicas. Durkheim as considera como preconceitos e pré-noções inteiramente subjetivas, individuais, "noções vulgares" ou fantasmas que o pensamento acolhe porque fazem parte de toda a tradição social onde está inserido. (CHAUÍ, 1980, p.80)

IDEOLOGIA EM MARX

Como mencionado anteriormente, Karl Marx mantém o sentido napoleônico do conceito de ideologia. No entanto, Chauí (1980) esclarece que a afirmação de Bonaparte em relação aos ideólogos franceses carece de fundamento e, na verdade, se aplicaria de maneira mais adequada aos ideólogos alemães. Marx critica os ideólogos alemães por duas razões principais: em primeiro lugar, por tentarem destruir a sistematização de Hegel, criticando apenas um aspecto de sua filosofia e deixando de considerá-la como um todo; em segundo lugar, por se apropriarem, cada um à sua maneira, de apenas um aspecto dentro de uma concepção total da realidade humana, analisando-o e tirando conclusões sem levar em conta a realidade sócio-histórica da Alemanha.

Marx pensa e reflete sobre a história como um conhecimento dialético e materialista da realidade social, não se limitando a uma narrativa cronológica de eventos passados. (Chauí, 1980, p.83). Ele considera a história como um processo em constante mudança, com conflitos e contradições. A mudança social ocorre por meio de contradições internas, levando a transformações sociais e novas formas de organização da sociedade.

A abordagem materialista de Marx enfatiza ainda a importância das condições materiais e econômicas na determinação da esfera política e cultural da sociedade.

Nessa perspectiva, encontramos bases na filosofia hegeliana, especialmente no que diz respeito à dialética. Embora Marx faça críticas à filosofia de Hegel, ele mantém muitas de suas características, que considera fundamentais. Para um melhor entendimento do pensamento de Marx, é importante conhecer também os fundamentos básicos da lógica de Hegel e sua obra. A seguir, veremos sete pontos da filosofia hegeliana que nos orientam sobre como um trabalho filosófico deve ser construído, de modo a

1) compreender a origem e o sentido da realidade como cultura. A cultura são as relações dos homens com a natureza pelo desejo, pelo trabalho e pela linguagem, as instituições sociais, o Estado, a religião, a arte, a ciência, a filosofia. [...] 2) Um trabalho filosófico que define o real pela cultura e esta pelo movimento de exteriorização e interiorização do espírito; [...] 3) que revoluciona o conceito de história por três motivos: porque não pensa a história como uma sucessão contínua de fatos no tempo [...] porque não pensa a história como uma sucessão de causas e efeitos, mas como um processo dotado de uma força ou de motor interno que produz os acontecimentos. Esse motor interno é a contradição. [...] porque não pensa a história como sucessão de fatos dispersos que se seriam unificados pela consciência do historiador. [...] 4) que concebe a história do espírito. [...] 5) que pensa a história como reflexão. [...] 6) que procura dar conta do fenômeno da alienação. [...] 7) que diferencia imediato do mediato, abstrato e concreto, aparência e ser. (CHAUÍ, p.83-87, 1980)

De acordo com Chauí (1980), a concepção hegeliana pode ser resumida nos aspectos mencionados anteriormente, que são os pilares da dialética. Isso significa que a história é vista como um movimento temporal do que é negado ou dividido: as contradições. Porém, há que se destacar que a dialética de Hegel é considerada idealista, pois concebe o ser humano como "espírito como reflexão".

Quanto ao pensamento hegeliano, Marx mantém a perspectiva da dialética como uma dinâmica interna de construção da realidade, cuja engrenagem é a contradição. No entanto, Marx não concebe a contradição como algo subjetivo em atrito com a objetividade, mas sim como um processo formado e constituído pelos seres humanos reais em seus contextos históricos e socioeconômicos. A isso, Marx dá o nome de "luta de classes".

Na dialética materialista de Marx, além da importância do trabalho na vida humana e sua capacidade de transformar a natureza e o meio em que vive, destaca-se a divisão social do trabalho. Essa divisão tem início nas tarefas internas da família, como a procriação e a divisão sexual do trabalho, e continua na divisão entre patrões e operários, ou proprietários e não proprietários. Os primeiros são aqueles que detêm os meios de produção, ou seja, o capital, enquanto os segundos contam apenas com a força de seu

trabalho e o vendem para ter condições de subsistência, ou seja, vendem seu labor e seu tempo em troca de um valor menor do que o lucro gerado pela mercadoria que produzem. Esse valor que é gerado pelo tempo de trabalho não pago aos trabalhadores é a exploração do capitalista sobre o proletariado, o que Marx define como "mais-valia" (CHAUÍ, 1980). Lefort (1990) explica que na obra de Marx, o conceito de produção baseia-se na seguinte ideia: os seres humanos não produzem apenas o que é fundamental para satisfazer suas necessidades de sobrevivência, mas também criam novas necessidades, novos modos e condições de existência, e, assim, produzem também suas próprias relações sociais. Dessa forma, o ser humano não apenas produz e cria coisas e relações sociais, mas também é moldado por elas. Nas palavras de Lefort (1980, p. 17), "ele é também produzido por aquilo que produz".

Sob a ótica de Chauí (1980) e apoiando-se no conceito de Marx, as mulheres e os homens nas relações sociais capitalistas são reificados e coisificados. A mercadoria que produzem não é mais feita por eles em sua totalidade, mesmo quando estão no "chão da fábrica" e na linha de frente da produção. Eles se sentem alheios e alienados do resultado final de seu trabalho, sendo expropriados do produto de seus esforços. Esse processo de desumanização dos sujeitos ocorre simultaneamente à atribuição de um status de humanização às mercadorias. Assim, ocorre uma inversão na sociedade, na qual o ser humano é tratado como uma coisa, e a mercadoria é elevada ao papel de sujeito social, definindo o status das pessoas.

[...] **As coisa-mercadorias** começam, pois, a se relacionar umas com as outras como se fossem sujeitos sociais dotados de vida própria (um apartamento estilo "mediterrâneo" vale "um modo de viver", um cigarro vale um "estilo de vida", uma bebida vale "a alegria de viver", uma calça "vale uma vida jovem"). E os **homens-mercadorias** aparecem como coisa (um nordestino vale 20 cruzados à hora na construção civil, um médico vale 2 mil cruzados à hora no seu consultório, etc., etc.) (CHAUÍ, 1980, p.96, grifo nosso)

Conforme mencionado acima, podemos observar que o tempo de trabalho de um operário que executa atividades braçais é inferior ao de um médico, embora ambos vendam sua força de trabalho. Essa disparidade é resultado da divisão social do trabalho, que promove uma clara separação entre o trabalho manual e o intelectual, como se estivessem desconectados. Além disso, Chauí (1980, p.99) destaca que essa divisão não se restringe apenas à distribuição de tarefas, mas também é influenciada pelas diversas formas de propriedade existentes. Em outras palavras, a divisão social do trabalho não apenas é

resultado da desigualdade social, mas também contribui para mantê-la, influenciando na forma como a propriedade é estruturada.

Agora surge a questão: como é possível que haja um tamanho desequilíbrio social, com uma classe sendo explorada pela outra, mesmo sendo numericamente mais numerosa? Por que os dominados não se rebelam? Chauí (1980) esclarece esse “enigma” com base nas teorias de Marx e Engels, ao argumentar que o *fenômeno da ideologia* legitima a naturalidade das relações socioeconômicas e da exploração de uma classe sobre outra. A ideologia se torna um dos instrumentos que possibilitam que tais relações ocorram sem uma ruptura significativa. Conforme explicado por Chauí (1980), a ideologia, segundo Marx e Engels, se manifesta quando a divisão social do trabalho fragmenta, no sentido de separar, o trabalho intelectual/espiritual do trabalho manual/material.

Dessa forma, surge a ideologia burguesa, que defende uma lógica de liberdade individual baseada no liberalismo econômico e num contexto meritocrático, sob um discurso no qual todos são iguais em direitos. Nesse sentido, acredita-se que cabe a cada indivíduo criar as condições para melhorar sua vida e facilitar sua ascensão econômica, pois em tese mulheres e homens são livres para isso e também responsáveis por seu sucesso ou fracasso.

No entanto, essa perspectiva desconsidera as condições sociais, materiais e históricas que afetam as oportunidades e possibilidades de cada indivíduo, e também atribui um peso excessivo à responsabilidade individual, ignorando os impactos das estruturas sociais e econômicas. Isso acaba por naturalizar a desigualdade e representa a classe social como algo inato e imutável: “a classe começa, então, a ser representada pelos indivíduos como algo natural (e não histórico), como um fato bruto que os domina, como uma coisa, onde vivem” (CHAUÍ, 1980, p.109).

Esse ideário, como descreve Chauí (1980) com base em Marx, se propaga mediante a atuação de agentes/intelectuais da burguesia, que fabricam ideias para disseminar sua lógica, promovendo a crença de que as pessoas são naturalmente desiguais. Ou seja, a ideia de que a desigualdade socioeconômica existe não pela divisão social do trabalho e de classe nem pelas relações sociais de exploração de uma classe sobre a outra, mas sim porque alguns sujeitos não trabalham ou não se esforçam da maneira que deveriam para adquirir bens, propriedade, sucesso profissional e poder. Essa perspectiva ignora que, mesmo que haja uma igualdade em direitos, não há igualdade em condições de usufruí-los. Deste modo, o sujeito que se vê à margem da sociedade, aquele que é economicamente desfavorecido, é colocado nessa situação como se fosse negligente ou preguiçoso.

A ideologia, sob essa perspectiva, representa um conjunto de “representações e normas que nos ensinam a conhecer e agir” (Chauí, 2014, p.15). A partir desse ponto, Chauí descreve o *discurso ideológico*, cujo objetivo é universalizar e unificar a imagem da classe dominante, bem como seus ideais, desconsiderando as diferenças e contradições sociais presentes na sociedade. Vale ressaltar a interessante afirmação da autora quando ela assegura que “a coerência ideológica não é obtida apesar das lacunas, mas, pelo contrário, graças a elas” (Chauí, 2014, p.19). Ou seja, aquilo que não é dito nem discutido acaba por legitimar o que é estabelecido pelo discurso dominante.

Chauí (2014) destaca que são os processos históricos que determinam a ideologia e não o contrário. Em outras palavras, a autora argumenta que a ideologia surge e se desenvolve a partir das relações sociais e dos agentes envolvidos, e não é ela que molda essas relações. Porém, na concepção de Chauí, ainda que as ideias surjam a partir dos sujeitos e de suas interações, elas são recorrentemente instrumentalizadas para servir aos interesses da classe dominante.

A filósofa enfatiza ainda que a ideologia não tem história própria, pois ela está intimamente ligada às condições socioeconômicas e políticas de um determinado momento histórico. As mudanças que ocorrem nos discursos ideológicos são muitas vezes estratégias para justificar e legitimar os privilégios e o poder da classe dominante, perpetuando a dominação sobre as classes subalternas. Dessa forma, a ideologia, entendida como tal, opera como uma ferramenta que molda as percepções e as representações sociais de acordo com os interesses dominantes, contribuindo para a manutenção da ordem estabelecida.

Afirmar que a ideologia não tem história é, portanto, afirmar que, além de "fora do lugar", nela as ideias também estão "fora do tempo". Embora paradoxal, essa constatação é inevitável. O paradoxo da expressão "fora do tempo" decorre do fato de que, estando a ideologia a serviço da dominação de uma classe social historicamente determinada, necessariamente a atualidade da dominação exercida exigiria que as ideias estivessem encravadas em seu próprio tempo. Para que tal paradoxo se desfaça é preciso que compreendamos a diferença entre saber e ideologia. (CHAUI, 2014, p.14)

IDEOLOGIA E A PRODUÇÃO DE IDEIAS: SABER, NÃO SABER, DISCURSO COMPETENTE E DEMOCRACIA

Chauí (2014) considera que, partindo desse viés, na ideologia, as ideias estão fora do tempo e a favor de cada modelo histórico dominante vigente. Um exemplo disso é a

tomada de poder pela burguesia, que "aceita" a tese galileica ao adotar os conceitos de laicidade e universalidade, e passa a se posicionar a favor da ciência. Nesse processo, a burguesia se apropria de um discurso que fundamenta seus interesses de ascensão e manutenção do poder.

No entanto, essa defesa da ciência e da laicidade por parte da burguesia não significa que o discurso ideológico seja genuíno ou orgânico. Na verdade, seria uma estratégia para reforçar sua posição dominante, agindo como se fosse uma força neutra, isenta e imparcial. A ideologia serviria, assim, como uma forma de negação do *não saber*, apagando as diferenças, contradições e a história, bem como silenciando questionamentos e interrogações que poderiam ameaçar sua hegemonia.

É crucial diferenciar o *saber* da *ideologia*. O *saber* implica um trabalho de reconhecimento da "obscurização" do não saber, sem negá-lo, mas determinando essa indeterminação do não saber. Para Chauí, o verdadeiro saber é reflexivo e assume o risco da incerteza, enquanto a ideologia busca negar o não saber, apagando as diferenças e contradições para impor uma visão única e homogênea, alinhada aos interesses da classe dominante.

Temos, então, o que Chauí (2014) conceitua como o *discurso competente*, que é aquele que pode ser dito, ouvido, disseminado e acatado como verdadeiro. Existem os interlocutores, definidos por Chauí como aqueles que têm o direito de proferir o discurso e aqueles que o ouvem "segundo os cânones de sua própria competência". No entanto, a autora nos esclarece que há uma confusão na identificação do discurso competente com o discurso elitista e o discurso democrático.

Chauí (2014) comenta que os teóricos de Frankfurt foram rotulados como elitistas por recusarem a cultura das massas. No entanto, a autora argumenta que há um equívoco nessa análise, pois, para os frankfurtianos, a cultura das massas é uma negação da cultura democrática. Dentro de um movimento verdadeiramente democrático, não haveria massas e nem a imposição de uma cultura ou arte sobre a outra. Além disso, não haveria um consumo acrítico da arte promovido pela indústria cultural. Pelo contrário, todos os indivíduos seriam sujeitos ativos e políticos tanto no "consumo" da arte quanto em sua produção e criação.

A *burocratização* em todos os setores produtivos da gestão e produção em qualquer esfera é outro conceito abordado por Chauí, caracterizando a hierarquização, as funções e a divisão do trabalho e das responsabilidades. A ideia central é a organização baseada na racionalidade, que atua em todos os campos, desde o material ao cultural. "A

ideologia dispõe, então, de um recurso para ocultar essa presença total ou quase total do Estado na sociedade civil: o discurso da *organização*" (CHAUÍ, 2014, p.20). Portanto, no discurso competente, há um duplo movimento em que o poder estatal é afirmado e também negado pelo discurso.

No que diz respeito às mudanças da ideologia burguesa com a chegada da burocratização, Chauí (2014) destaca que o discurso burguês clássico tinha um caráter "legislador, ético e pedagógico". Com o fenômeno da burocratização e organização, esse caráter passa a ser pautado na racionalidade, no neutro e no impessoal. Assim, o discurso da competência abrange diversos campos, como conhecimento, tecnologia, sexologia, discurso dietético, ecológico, pediátrico, pedagógico para a criança, além de abranger também a psicologia e a sociologia. De modo geral, é o discurso do especialista, no qual não é necessário que você saiba tudo, mas que concorde e se adeque às suas regras. Por essa razão, a ciência na perspectiva do discurso da competência é bem aceita, pois não representa um risco, mas sim uma poderosa ferramenta de dominação, que também está associada à lógica da democracia burguesa.

A respeito da democracia Chauí (2014) diz que talvez pelo fato de ser um enigma, é até compreensível a "rivalidade cultivada" entre a filosofia e a sociologia. Pelo motivo de que todos nós estamos enquanto sujeitos envolvidos, implicados neste processo. Para tal, a filósofa discute o tema em três aspectos distintos: a democracia como questão sociológica, filosófica e histórica.

No âmbito sociológico, a democracia é compreendida como um processo que envolve a escolha de governos por meio de partidos e representantes políticos. Os votos dos cidadãos têm o objetivo de selecionar os sujeitos que tomarão decisões sobre os problemas e suas soluções, como quais questões serão levantadas, engajadas e resolvidas. Para evitar a concentração excessiva de poder, os políticos são submetidos a rodízios no poder, e esse modelo é fundamentado na economia e no mercado.

Quanto à democracia como questão filosófica, Chauí (2014) destaca que é comum afirmar que a política não é mais uma questão filosófica, pois os que a abordam não a fazem partindo de uma reflexão sobre um governo pautado em uma justiça comum a todos e numa sociedade ideal. A autora apresenta diversos pensadores, como Maquiavel, Aristóteles, Espinosa e Marx, que têm concepções distintas sobre política e democracia, abordando temas como igualdade, desigualdade e trabalho, entre outros.

Chauí (2014) explora a democracia como uma questão histórica, entendendo a sociedade como algo que não está apenas no tempo, mas que se efetua como tempo, ou

seja, os acontecimentos estão em constante movimento e contradição. Nesse sentido, ela argumenta que apenas uma sociedade histórica é verdadeiramente democrática no sentido mais forte do termo.

A partir desse ponto, Chauí (2014) aborda a relação entre democracia e socialismo, recorrendo às análises de Marx e Engels sobre o trabalho, força de trabalho, capitalismo e sua expansão global. Ela enfatiza que o materialismo histórico, que se baseia na dialética e se apoia na contradição e no movimento real, coloca a luta de classes como central.

Nesse contexto, a filósofa critica a tentativa de identificar abstratamente a democracia e o socialismo como conceitos separados, considerando tal abordagem reformista. Para Chauí (2014), essa separação seria uma armadilha que reduziria e minimizaria a história. Em vez disso, ela propõe evitar a armadilha da ideologia e também o formalismo socialista para compreender a dinâmica da sociedade e das lutas por transformações sociais mais profundas.

EDUCAÇÃO E IDEOLOGIA

Marilena Chauí (2016) discorre sobre a necessidade de discernir até que ponto o discurso burguês e as ideologias estão entranhados no meio educacional, nas instituições, políticas, religiosas, escolares e nas práticas pedagógicas nos espaços formais e não formais, geralmente pautados no discurso competente. Nesta prática pedagógica, pautada no discurso da competência, o educador "trabalha para suprimir a figura do aluno enquanto aluno" (Chauí, 2016, p.254), ou seja, o aluno é tratado como um receptor passivo de conhecimento, sem espaço para sua expressão e participação ativa no processo educativo.

Ao contrário, a filósofa considera que o trabalho pedagógico não deve se limitar à mera transmissão de conhecimento pelo professor, pois para isso existem outros recursos, além de que esse modelo de ensino não é dialógico, impossibilitando uma real troca entre estudantes e professores. Chauí defende uma relação educacional mais horizontal, na qual "o diálogo é ponto de chegada e não ponto de partida, só se torna real quando o trabalho pedagógico termina e o professor encontra-se com o não-aluno, o outro professor, seu igual" (CHAUI, 2016, p. 257).

Numa concepção em que o processo educacional de ensino e aprendizado seja construído de forma horizontal, a relação entre educando e educador deve ser orientada para o diálogo com as ideias, com o mundo e seu movimento incessante. Chauí (2016) compara esse processo à forma como um professor de natação conduz o aprendizado:

“não pode ensinar o aluno a nadar na areia fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a lançar-se n’água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas”. (CHAUI, 2016, p. 257). Assim, o professor convida o aluno a "fazer comigo" e não apenas "fazer como eu".

Neste sentido, como também nos traz Jacomini et al. (2019), a relação entre o educador e o educando não deve se dar de modo díspar nem resultar em autoritarismo e/ou submissão, mas sim surgir da natureza única de cada um/uma e dos papéis que os agentes desempenham dentro do ambiente escolar. Deste modo, um processo educacional de caráter emancipador, por conseguinte, se ampara no diálogo, no respeito mútuo, na participação democrática, não devendo acontecer de maneira vertical, hierárquica.

PONDERAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões apresentadas neste trabalho, podemos compreender a relevância das contribuições de Marilena Chauí ao abordar temas complexos como ideologia, democracia e educação. A análise crítica da autora nos permite enxergar como o conceito de ideologia, inicialmente criado como uma ciência das ideias, se transformou ao longo do tempo, e, passou a ser entendida, na concepção marxiana a qual a autora se vincula, como mecanismo de manutenção da sociedade burguesa. Essa ideologia propagada pela classe dominante, baseada em uma suposta liberdade e meritocracia, obscureceria o acesso dos indivíduos ao verdadeiro saber, inibindo o questionamento e a crítica.

Contudo, é importante destacar que a compreensão de ideologia com base em Marx pode ser problemática, conforme apontado por Thompson (2012) em "Algumas observações sobre classe e 'falsa consciência'". Na perspectiva do historiador, o conceito de ideologia associado à noção de falsa consciência pode simplificar demais o entendimento sobre a formação da cultura popular, bem como a compreensão dos processos complexos de exercício de domínio ideológico da classe dominante. Mais interessante seria pensar na *experiência* como formadora da classe, que possui consciência independentemente desta ser considerada libertadora ou não pela intelectualidade ou por qualquer vanguarda política. Poder-se-ia acrescentar as contribuições de Gramsci, quem nos oferece o conceito de hegemonia, mais poroso e flexível, permitindo escapar da noção de falso e verdadeiro em termos de consciência e visão de mundo (COUTINHO, 1999; GRUPPI, 1979). Essas abordagens nos desafiam a futuras problematizações e a uma compreensão mais profunda dos mecanismos de poder e dominação presentes na sociedade.

Por ora, as ideias apresentadas por Marilena Chauí nos convidam a repensar as estruturas de poder, as desigualdades sociais e a própria concepção de democracia. Suas análises críticas sobre a educação nos chamam à reflexão sobre o papel do professor e a necessidade de um ensino dialógico, emancipatório e comprometido com a formação de cidadãos críticos e atuantes.

Entendemos, como já apontamos, que há outras perspectivas, de outros intelectuais, com relação ao conceito de ideologia, mas eis aqui nossa limitação ou talvez poderíamos dizer o nosso recorte para desenvolver esta escrita: nos apoiar teoricamente em Marilena Chauí. Ao mesmo tempo nosso limite nos permite sugerir e/ou recomendar, que esses outros pontos de vistas sejam também explorados, estudados e publicados, para que o conhecimento com relação ao conceito de ideologia e suas nuances seja ampliado e democratizado.

Por fim, o estudo realizado aqui neste contexto não apenas lança luz sobre o conceito de ideologia, mas também possibilita uma trilha para exploração contínua e aprofundada das suas múltiplas ramificações e implicações. Além disso, nos amparamos na aspiração de uma sociedade que almeja constantemente justiça e igualdade, ao mesmo tempo em que se torna cada vez mais consciente de suas contradições e das vastas potencialidades que nela podem ser desvendadas e desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. **A questão democrática**. In: Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e educação**. Educação e Pesquisa, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 245-258, 2016. DOI: 10.1590/S1517-
- CHAUÍ, Marilena. **O discurso competente**. In: Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. Coleção Primeiros Passos, v.6. São Paulo: Círculo do livro, 1980.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Editora Civilização Brasileira, 1999.
- GRUPPI, Luciano. **O Conceito de Hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- JACOMINI, Márcia Aparecida; PERRELLA, Cileda dos Santos Sant'Anna; PENNA, Marieta Gouvêa de Oliveira; BELLO, Isabel Melero. **Democracia na escola: possibilidades e desafios**. In: Educere - Revista da Educação, v. 19, n. 1, p. 195-219. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/educere/article/view/6995> . Acesso em 21 de agosto de 2023
- LEFORT, Claude. **Esboço de uma gênese da ideologia nas sociedades modernas**. In: As formas da História: Ensaios de Antropologia política. p. 295-345.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”** In: As peculiaridades dos ingleses. Unicamp, 2012.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2011.